

“Oxente!”:

## Um olhar curioso sob a abordagem cultural em materiais didáticos de língua inglesa<sup>1</sup>

“OXENTE!”

### A curious look on the cultural approach in didactic materials of English

Brisa Enéas da Silva<sup>2</sup>

Prof. Dr. Domingos Sávio Pimentel Siqueira (Orientador)<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo analisar o lugar que é dado à cultura nos materiais didáticos de língua inglesa, examinando como os aspectos culturais são tratados e abordados em sala de aula desta LE, identificando, dessa forma, como a cultura constrói conhecimento. Procurou-se investigar, também, se os alunos, a partir do material didático, são expostos a uma diversidade cultural condizente com a realidade de falantes globais de língua inglesa, atualmente e, ao *status* de língua franca mundial adquirido pelo idioma. Realizou-se uma análise na coleção didática adotada por uma escola regular particular de Salvador, a partir de uma lista desenvolvida para quantificar e registrar a pluralidade cultural contida no referido material didático. Percebeu-se que, entre outras coisas, não há uma diversidade de aspectos culturais no material, uma vez que este tende à padronização e singularidade da língua inglesa. Concluiu-se que é preciso expor os alunos a diversas possibilidades de realidades culturais diferentes, de modo a prepará-los para uma vivência real da língua. Devido à deficiência referente a questões de inter(multi)culturalidade encontrada no material analisado, recomenda-se que o professor seja capaz de desenvolver uma maior sensibilidade às necessidades específicas de cada turma, e busque adaptar os materiais disponíveis para seu uso de acordo com sua vivência pedagógica.

**Palavras-chave:** Cultura; Inglês como língua franca; Material didático; Ensino.

**ABSTRACT:** This article had the objective of analyze the focus that is given to culture in the English language didactic materials examining how the cultural aspects are treated and approached in the foreign language classroom, identifying, this way, how culture builds knowledge. It also attempted to investigate if the students from the didactic material on are exposed to a cultural diversity suitable to the global English

---

1 Artigo apresentado ao curso Especialização em Língua Inglesa da Universidade Salvador – UNIFACS, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Inglesa.

2 Graduada em Língua Estrangeira (Inglês) pela Universidade Federal da Bahia (2009). Concluinte do curso de Especialização em Ensino de Língua Inglesa, pela Universidade Salvador – UNIFACS, na área de Análise de Materiais Didáticos (2015). Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2016). E-mail: [brsinhaeneas@yahoo.com.br](mailto:brsinhaeneas@yahoo.com.br)

3 Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Professor Adjunto IV do Departamento de Letras Germânicas do Instituto de Letras da UFBA.

speakers reality nowadays and to the linguistic status of worldwide lingua franca acquired by the idiom. It was accomplished a data analyze in the didactic collection adopted by a regular private school from Salvador through a checklist developed to quantify and register the cultural plurality contained in such didactic material. It was noticed among other things that there isn't a diversity of cultural aspects in the material since it tends to standardization and singularize the English language. It was concluded that it is necessary to expose the students to diverse possibilities of different cultural realities in a way to prepare them to a real experience in language. Due to the deficit referred to the questions of inter(multi)culturality found in the analyzed material, it is recommended that the teacher could be able to develop a great sensibility to the specific necessities of each class and try to adapt the materials available to his/ her own use according to his/ her pedagogical practices.

**Keywords:** Culture; English as a *lingua franca*; School material; Teaching.

## 1. Palavras iniciais

Como se sabe, a escola é o lugar onde o indivíduo vai sedimentar e consolidar sua aprendizagem, isto é, o espaço onde ele vai teorizar suas vivências, assim como testar hipóteses e descobrir um universo infinito de possibilidades. É lá, por entre os muros da escola, que o aluno pode interpretar e entender o funcionamento do mundo em que está inserido, do qual faz parte e é indivíduo atuante, sem precisar ultrapassar as fronteiras de concreto. Além disso, é através do material didático, do professor e, também, na interação com outros indivíduos que ocupam seu mesmo espaço – outros alunos, que isso pode se concretizar. Ou seja, toda a comunidade escolar está envolvida neste processo de formação, construção e transmutação de conhecimento.

Na verdade, para que ocorra essa construção, de um aluno na condição de cidadão pensante e crítico em relação ao mundo, detentor de opiniões e consciente de seus saberes, é preciso uma atuação significativa da escola. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 44-45), “se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se veem confrontados no seu dia a dia”.

Dessa forma, não se pode negar que uma abordagem multi(inter)cultural em sala de aula ganha espaço e deve estar interligada, diretamente, com todas as áreas de conhecimento, sobretudo no ensino de línguas, já que o ensino de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, está intimamente ligado ao ensino de cultura. Por isso, para Siqueira (2008, p. 101)

No momento em que nos preparamos para ensinar (ou aprender) uma língua, precisamos levar em consideração, não apenas seu conteúdo linguístico, mas especialmente o lugar que deve ocupar a cultura, já que qualquer língua natural opera, essencialmente, em um contexto social que, por sua vez, sofre influência direta da cultura em que está inserida.

Portanto, no caso do professor de língua inglesa, pode-se afirmar que ele deve estar ainda mais atento a essas questões de relação de ensino de cultura. Devido à inquestionável importância que a língua inglesa alcançou nos últimos tempos, sendo considerada, hoje, como *língua franca*<sup>4</sup> da contemporaneidade, as ponderações relacionadas ao ensino de línguas e transmissão de cultura devem ser ainda mais acentuadas. Nesse sentido, o título desse trabalho chama a atenção para um lugar de destaque que a cultura do aluno deve receber em sala de aula de LE, ou seja, uma posição de igualdade e de entrelaçamento, na perspectiva de compreensão de si próprio para, então, entendimento do outro, através deste constante movimento de trocas que se dá ao se aprender outra língua. Para Pennycook (1990, p. 309), “a cultura é elevada a um papel fundamental à medida que fazemos sentido do mundo e espera-se que seja um sistema produtivo, ao invés de meramente reflexivo”.<sup>5</sup> Na visão deste autor, as escolas são lugares de produção cultural e os professores devem-se, acima de tudo, enxergarem-se como intelectuais transformadores. (PENNYCOOK, 1990, p. 308).

Assim, para muitos, a cultura sempre foi vista como uma parte indispensável no ensino/ aprendizagem de línguas, sendo, nesta concepção, sempre usada como fonte importante de conteúdos para serem discutidos em sala de aula. Contudo, sabemos não ser incomum a ideia de que a única forma válida de se ensinar cultura, seria abordando-se somente os aspectos culturais dos países falantes da língua estrangeira alvo, pois se acreditava que “aqueles que querem aprender uma língua nova, querem comunicar-se com os usuários daquela língua e, uma comunicação com sucesso seria impossível sem familiaridade com as normas culturais da sociedade cujos falantes o aprendiz está tentando criar laços” (AKBARI, 2008, p. 278) <sup>6</sup>. Apesar de tal viés sobre o

4 Entende-se, neste trabalho, língua franca como uma língua estrangeira usada por falantes de nacionalidades variadas, que possuem diferentes línguas maternas, mas que se apropriam desta língua estrangeira de maneira autêntica e autônoma, usando-a e remodelando-a com diversos fins de interação.

5 “culture is elevated to a fundamental role in the way we make sense of the world and is taken to be a productive rather than merely a reflective system”. (Esta e todas as traduções deste trabalho são de responsabilidade da autora).

6 “those who want to learn a new language want to communicate with the users of that language, and successful communication would be impossible without familiarity with the cultural norms of the society with those speakers the learner is trying to forge bonds”.

ensino de cultura ainda ser bastante popular, pode-se afirmar que essa visão de ensino de línguas tem mudado e ganhado novas perspectivas a partir de novas crenças.

Com a internacionalização do inglês e o crescente número de falantes não nativos, comunicando-se fluentemente entre si e também com falantes nativos, invalida-se, ou pelo menos, minimiza-se a tradicional supervalorização de culturas estrangeiras como únicas, superiores, as quais se apresentam como a alternativa mais viável para se completar a aprendizagem de uma determinada língua estrangeira. Apesar de o mundo hoje ser bem diferente daquele do passado em que se acreditava que para se tornar um falante competente de uma nova língua era preciso imitar o falante nativo em todos os aspectos, incluindo os culturais, percebe-se que hoje as coisas estão (e são) bastante diferentes. Na realidade, vivemos atualmente em um mundo interligado no qual é possível manter uma boa conversa sobre assuntos locais e peculiares de cada falante usando-se o inglês, como instrumento de comunicação internacional, ou seja, como língua franca global, que pertence a todos os seus falantes e não apenas a um pequeno grupo de privilegiados. Segundo Akbari (2008), como já mencionado, grande parte das comunicações que acontecem em inglês nos dias de hoje é entre pessoas consideradas falantes não nativas do inglês e com diferentes, muitas vezes, díspares, identidades culturais. Para o autor,

as pessoas tentam comunicar seus próprios valores e conceitualizações culturais, não aquelas da língua alvo (...) o que é mais necessário é que os aprendizes sejam capazes de desenvolver competência para falar sobre sua própria cultura e identidade cultural (AKBARI, 2008, p. 279)<sup>7</sup>

Nesse cenário, é imprescindível voltar o olhar para as práticas em sala de aula e, principalmente, para os materiais didáticos utilizados no ensino de inglês como língua estrangeira. Primeiramente, os materiais selecionados como base devem ser “locais”, como sugerido por Akbari (2008). Isto é, esses instrumentos de aprendizagem, devem abordar temas que sejam pertinentes ao aprendiz, que lhe digam respeito, que representem e satisfaçam suas necessidades, além de ilustrar aspectos de sua realidade. Segundo, para fazerem sentido ao se enxergar língua como prática social, os materiais devem estar ancorados em uma abordagem multi(inter)cultural, que, entre outras

<sup>7</sup> “as pessoas tentam comunicar seus próprios valores e conceitualizações culturais, não aquelas da língua alvo (...) o que é mais preciso é que os aprendizes sejam capazes de desenvolver competência para falar sobre sua própria cultura e identidade cultural”.

qualidades, rompem as barreiras dos estereótipos e trazem diferentes realidades e possibilidades, fazendo com que estas se integrem com a própria cultura do aluno. Ou seja, nos dias atuais, precisamos contar com uma abordagem de ensino de LE que não se renda à hegemonia e ao poderio sócio-econômico-cultural dos países tido como exemplos a serem seguidos linguisticamente e culturalmente, no caso do inglês, os Estados Unidos e a Inglaterra. Ainda de acordo com Akbari (2008), o problema dos livros didáticos produzidos comercialmente é a falta de sensibilidade para garantir a presença e a valorização dos aspectos discutidos anteriormente.

Além disso, muito antes de matérias de jornais ou revistas, atividades na *internet* ou romances, os materiais didáticos são as primeiras e, em muitos casos, as únicas fontes de conteúdo que um aluno de LE tem à sua disposição. Ou seja, esses materiais são os recursos imediatos e primários a serem recorridos pelo aprendiz de LE.

Sendo assim, não há como negar que os livros didáticos de LE merecem uma atenção cuidadosa por parte de todos aqueles que constituem o sistema de ensino de línguas, das editoras, aos escritores, às instituições de ensino, até chegarmos aos professores e, também, os estudantes. Pensa-se em material didático não só como um veículo de conhecimento, mas, principalmente, como uma ferramenta de formação de opinião. Sabe-se que as informações contidas ali foram pensadas e projetadas com algum intuito, ou, com muitos outros intuídos, sejam eles filosóficos, econômicos, sociais ou políticos.

Sendo a cultura uma significativa fonte de poder, a imposição desta ou até mesmo a sua supressão, geram consequências e tem causas pensadas. A língua inglesa é considerada língua franca do mundo global atualmente, e muito da sua expansão se deve a questões de poder e de hegemonia de países como os Estados Unidos na propagação de sua cultura através do idioma. Dessa forma, faz-se necessário uma análise crítica de como a cultura de países falantes da língua inglesa está sendo abordada nos materiais didáticos usados nas salas de aula de todo o mundo, inclusive no Brasil. Neste estudo, o qual gerou esse texto, a opção foi pelo recorte a respeito do que está sendo abordado nos materiais didáticos da educação fundamental, de uma determinada escola de Salvador, Bahia.

Portanto, a problemática da abordagem cultural nos materiais didáticos utilizados em sala de aula para o ensino de inglês como língua estrangeira constitui, então, um tema de especial relevância. Conforme abordado acima, faz-se necessário conscientizar alunos e professores sobre a importância de aspectos culturais em uma aula de língua estrangeira e, ao mesmo tempo, nos questionarmos qual é o papel da cultura nos materiais didáticos selecionados para o ensino/ aprendizagem de tal língua.

Diante de tal cenário, faz-se pertinente colocar que o breve estudo a ser descrito aqui teve como objetivo geral analisar qual é o lugar da cultura em materiais didáticos adotados para o ensino do inglês como língua estrangeira (ILE), no caso, a coleção didática adotada no 2º Ano do Ensino Fundamental I, por uma escola regular particular de Salvador/ BA. Pretendeu-se, assim, examinar como aspectos culturais são abordados nesses livros didáticos, além de identificar como a cultura constrói conhecimento e investigar se há uma diversidade de aspectos culturais disponíveis para os alunos que utilizam tal material. A pesquisa transcorreu com a seleção e análise dos dados do material, tendo como guia uma lista para quantificação dos dados coletados.

Concluiu-se a partir do estudo que há uma predominância dos aspectos culturais de países estrangeiros em detrimento daqueles do que poderíamos chamar de cultura nacional. Muitas vezes, como é comum observar-se nesses materiais, a cultura local é geralmente deixada em uma posição secundária, sendo muitas vezes ofuscada por uma cultura (ou culturas) distante dos aprendizes.

O que motivou a pesquisa foi o fato de os próprios alunos entenderem que aquela realidade a eles apresentada não lhes pertencia, lhes era imposta. Além de eles não reconhecerem a cultura apresentada como deles, os aprendizes em questão sentiam a necessidade de citar e comparar qualitativamente as duas realidades: aquela a que foram expostos, mas distante; e, aquela que seria, verdadeiramente, aquela vivida diariamente. Como sabemos, o que valida uma aproximação de cultura, sem esquecer-se do outro que é diferente de si mesmo, é a capacidade de as crianças se comunicarem na língua estrangeira, mesmo falando de assuntos que lhes são peculiares, ou seja, é expor os aprendizes a uma abordagem plural, multi(inter)cultural. Percebeu-se que não é preciso negar o outro, a cultura diferente daquela do aluno, para se alcançar o objetivo de comunicar-se em uma língua estrangeira, neste caso, o inglês.

## 2. Um retrato dos aspectos culturais presentes (ou não) nas salas de aula de língua inglesa

Em tempos passados, ao se ensinar línguas estrangeiras como o inglês, em geral, pensava-se em qual variante de inglês deveria ser ensinada, se o inglês americano ou britânico, sendo estes dois parâmetros considerados os mais importantes ou ideais a serem aprendidos por alunos em todo o mundo, sem se levar em consideração as condições específicas de cada lugar. Assim, além da língua com as peculiaridades de cada uma dessas duas nações, ensinava-se, também, a cultura desses povos, pois se acreditava que para aprender uma língua alvo era imprescindível também aprender a cultura dos países falantes do idioma. Para Nault (2006), seguindo esta lógica, seria muito fácil identificar a “cultura inglesa”, já que “as línguas são, geralmente, associadas a nações específicas”<sup>8</sup> (NAULT, 2006, p. 315).

Contudo, o retrato que se tem hoje em dia da língua inglesa, sem pertencer a uma nação ou grupos de pessoas específicos, o crescimento do número de falantes não nativos, usando e recriando a língua, ou seja, tornando-a uma língua desterritorializada e pluralizada culturalmente, faz-se premente pensarmos sobre questões que desafiam professores e estudantes da língua inglesa em todo o mundo, quais sejam, como o inglês é visto mundialmente, quais as implicações de uma língua multicultural em uma sala de aula, como cultura é entendida e abordada neste espaço, qual a importância de materiais didáticos que suportam a complexidade de se ensinar inglês na contemporaneidade e, principalmente, qual o papel do professor enquanto mediador de um ensino consciente das demandas advindas de uma tão língua plural e diversificada neste momento de sua história. Dito isso, reitera-se aqui que o objetivo deste texto é discutir estas questões, tomando como ponto de partida alguns materiais usados em um contexto educacional específico. Certamente, devido à complexidade do tema, muitos aspectos ficarão sem resposta, para quem sabe, serem abordados em trabalhos futuros.

### 2.1. O inglês no mundo

Já é lugar comum dizer que o inglês é uma língua internacional de grande prestígio. É sabido por todos, estudiosos ou não, a importância de se falar este idioma atualmente, quer seja para turismo, para negócios ou estudos. Qualquer que seja o

---

8 “languages are usually associated with specific nations”.

motivo, falantes de diversos idiomas, em todo o mundo, sabem que é preciso garantir alguma fluência nesta língua que, hoje, é considerada internacional, mundial, plural e multicultural. Para Assis- Peterson e Cox (2013, p. 154), a língua inglesa,

Ao se desenraizar, reterritorializa-se no espaço da modernidade- mundo, instituindo-se como bem simbólico a ser apropriado, manipulado, deformado pelos falantes dos quatro cantos do planeta. O inglês da modernidade-mundo é um espectro “glocal”, no sentido de que é, a um só tempo, global e local.

As autoras, ao utilizarem o termo “glocal”, fazem um paralelo com a ideia de ‘inglês mundial’, no sentido de que é uma língua presente e usada em todo o mundo, porém, assumindo, ao mesmo tempo, o aspecto local em que está sendo manipulada. Dessa forma, transforma-se em uma língua cada vez mais heterogênea, onde cada falante se caracteriza como usuário da língua, capaz de adequá-la as suas necessidades e a sua realidade. Para elas,

Mundializado, o inglês se desprende de suas raízes e ganha existência própria como idioma desterritorializado, apto a ser apropriado, re-significado, re-entoadado por falantes de diferentes línguas maternas nas interações engendradas nos fluxos comunicacionais imprevisíveis da modernidade- mundo (ASSIS-PETERSON & COX, 2013, P. 155)

Entretanto, apesar da indiscutível presença do inglês na vida de tantas pessoas, para Siqueira (2008, p. 49), “[...] a língua anglo-saxã percorreu um longo caminho recheado de controvérsias e enfrentou movimentos tanto de aceitação quanto de resistência”. Apesar de não ser o objetivo de este trabalho discorrer sobre a história da língua inglesa, o fato é que esta língua trilhou um caminho de ascensão e prestígio mundial, a ponto de haver mais falantes não nativos do que falantes nativos apropriando-se do idioma. Como aponta Crystal (2003), nos tempos atuais, de cada quatro falantes da língua inglesa no mundo, apenas um é falante nativo. Nessa lógica, confirmando a característica cada vez mais global que a língua inglesa adquiriu ao longo do tempo, Crystal (2003, p. 2) afirma que, “de fato, se há uma consequência previsível de uma língua se tornar uma língua global, é que ninguém a possui mais. Ou, ao contrário, todos que a aprenderam, possuem-na, agora – [...] – e tem o direito de usá-la como desejarem”.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> “Indeed, if there is one predictable consequence of a language becoming a global language, it is that nobody owns it any more. Or rather, everyone who has learned it now owns it – [...] – and has the right to use it in the way they

Assim, tem-se hoje um idioma que consegue, ao mesmo tempo, alcançar um grande número de falantes em todo o mundo enquanto é usado de maneira cada vez mais competente por cada indivíduo que o manipula em diversas situações. Para Seidlhofer (2005, p. 339), ao se tomar o fenômeno de expansão da língua inglesa como uma “língua franca”, pensa-se em uma “língua de contato”, ou seja, onde a comunicação em inglês se dá entre falantes que têm línguas maternas diferentes e que não compartilham das mesmas vivências culturais. Ao citar Crystal (2003), a autora afirma que “a maioria das interações ELF acontecem entre falantes não nativos de inglês”<sup>10</sup> (SHEIDLHOFER, 2005, p. 339). Portanto, a única coisa em comum que une falantes de diferentes históricos culturais e linguísticos, é a língua escolhida por eles, que, embora não lhes pertença em primeira instância, é a principal possibilidade e condição para que haja alguma interação entre dois, ou mais, mundos diferentes.

Portanto, diante desta discussão sobre o alcance que a língua inglesa tem hoje, o uso que se faz desta língua e a relação estabelecida entre o idioma e seus falantes, afirma-se, sem sombras de dúvidas, que a língua inglesa é a língua franca de maior alcance no mundo, sendo que como afirma Seidlhofer (2005, p. 339), “não há como negar que Inglês funciona como uma língua franca global”<sup>11</sup>. E isso se deu, principalmente, pela apropriação da língua por falantes de todo o planeta. Para Siqueira (2008, p. 73), “mesmo um idioma tendo um número significativo de falantes, mas com seu alcance restrito a determinados territórios e não sendo falado por um grande número de falantes nativos de outras línguas, não ascende à posição de língua de comunicação internacional”. É, notadamente, pelo fato de o inglês ser um ponto comum entre povos distintos, pelo fato de o inglês servir como meio de aproximação de nações e, sobretudo, de culturas, que esta língua carrega atualmente o título de língua franca global.

## 2.2. A cultura na sala de aula de língua inglesa: pensando criticamente sobre como abordá-la

Neste contexto de inglês como língua franca (ILF), onde a língua inglesa ganha o *status* de língua mundial, com mais falantes não nativos usando e modelando a língua, consolidando, cada vez mais, a ideia de uma língua acessível a todos os seus usuários, o

want it”.

10 “most ELF interactions take place among ‘non-native’ speakers of English” “a maioria das interações ELF acontecem entre falantes não nativos de inglês”.

11 “it cannot be denied that English functions as a global língua franca”

que se vê, atualmente, é uma conscientização de como esta língua tão rica e plural deve ser ensinada. Percebe-se que, diante desse cenário, já não há mais espaço para práticas de ensino voltadas ao modelo nativo de se comunicar, visto que, como já discutido anteriormente, em contexto de uso de língua franca não há falantes nativos.

O termo 'língua franca' para descrever o avanço do inglês pelo mundo, como se sabe, não é unânime. Rajagopalan (2010), por exemplo, utiliza o termo *World English*, ao discorrer sobre este fenômeno linguístico de emancipação da língua inglesa. Para ele, “a simples razão para isso é que World English não há falantes nativos”<sup>12</sup> (RAJAGOPALAN, 2010, p. 186). Os falantes de inglês como língua franca querem ser capazes de ir além de meramente se comunicar com outros falantes cuja língua inglesa é o idioma oficial. Com o avanço do processo de globalização, o universo de possibilidades de comunicação é muito mais amplo e muito mais desafiador. Sendo assim, espera-se que os usuários da língua inglesa estejam aptos para interagir com outros usuários intra e internacionalmente. Nesta interação, não há razão para trocas culturais de outrem, senão as suas próprias experiências e vivências reais, ou seja, neste momento, os indivíduos conversarão sobre suas vidas, seus mundos e não os de outros. Num evento comunicativo entre pessoas de diferentes mundos que querem se conhecer e se aproximar, por qualquer motivo, a língua inglesa, em geral, é a sua única saída, é o que os aproxima e os torna semelhantes: falantes de outra língua qualquer, mas, sobretudo, falantes de uma mesma língua – a língua inglesa como língua franca.

Portanto, é razoável desafiar e desmistificar a premissa que para ser capaz de comunicar-se em uma língua estrangeira, seja ela qual for, deve-se ensinar uma variante “padrão” da língua, desconsiderando-se todas as possíveis formas que esta língua pode apresentar. Ao se tratar de uma língua de alcance mundial, estas questões são ainda mais urgentes. Entretanto, além das características específicas da língua como, léxico, gramática, pragmática, etc., o ponto fulcral deste trabalho é defender a tese de que uma abordagem multi(inter)cultural em sala de aula de ILE merece uma atenção especial e só tem a contribuir para que se ensine esta língua de forma mais significativa. Para Mendes (2012, p. 357), “ensinar e aprender uma língua são processos muito mais amplos e complexos do que a simples transmissão e apreensão de estruturas formais e de regras de utilização dessas estruturas”.

---

12 “The simple reason for this is that World English has no native speakers”.

Isso emerge claramente nas nossas discussões simplesmente porque já temos a compreensão de que as noções de uso da linguagem, uso da comunicação e de quaisquer práticas sociais de uma dada sociedade não devem ser vistas como fatores estanques e isolados. Cada item destes está associado à noção/ concepção de cultura, e por cultura, segundo Giddens (1996, p. 58), “consiste em valores que os membros de um determinado grupo tem, as normas que seguem e os bens materiais que criam”.

É comum, em muitas práticas, além da crença de ensino de um inglês padrão, estático e ideal, em que, em tese, todos os falantes falam do mesmo jeito, também há a difusão de uma cultura alvo associada às nações onde o inglês é a língua nativa. Porém, como já mencionado, ao se comunicar, um indivíduo quer falar sobre o que lhe é familiar, quer contar sobre o que vive e o que lhe é único, real e importante. Em segundo plano, também poder demonstrar que é conhecedor de outras culturas e realidades que não só a dele, podendo até compará-las e contrastá-las. É nesta ordem que se espera que aconteça uma comunicação entre falantes de mundos culturais distintos, primeiro saber e falar de si próprio e, depois, saber, conhecer e falar do outro.

Ao discutir sobre o ensino de cultura em aulas de língua inglesa, Rajagopalan (2010) afirma que é dada atenção insuficiente ao contexto cultural onde esta língua está sendo ensinada. Para ele, há uma muitas vezes deliberada supressão da cultura local, dos costumes corriqueiros e cotidianos dos falantes de determinada língua em favorecimento das culturas hegemônicas de língua inglesa, que, erroneamente, são apresentadas como culturas supostamente superiores e mais importantes. Ainda de acordo com Rajagopalan (2010, p. 186), tendo como pano de fundo o *world English*,

Não é [World English], em outras palavras, acorrentado a nenhuma cultura específica. Ao invés disso, é multicultural em sua mais pura essência. Novamente, não um amalgamado de culturas, onde culturas diferentes e discrepantes coexistem pacificamente, mas uma arena onde diferentes culturas estão envolvidas em um constante cabo de guerra<sup>13</sup>.

Para Siqueira (2008), é impossível dissociar língua de cultura, e, particularmente, as línguas internacionais possuem características especiais relacionadas à cultura. O

---

13 It [World English] is not, in other words, tethered to any specific culture. Rather, it is multicultural in its very essence. Once again, not an amalgam of cultures, where different and disparate cultures co-exist peacefully, but an arena where different cultures are engaged in a constant tug-of-war

autor sugere voltar um olhar especial para os aspectos culturais ao se pensar uma aula de língua estrangeira.

No momento em que nos preparamos para ensinar (ou aprender) uma língua, precisamos levar em consideração, não apenas seu conteúdo linguístico, mas especialmente, o lugar que deve ocupar a cultura, já que qualquer língua natural opera, essencialmente, em um contexto social que, por sua vez, sofre influência direta da cultura em que está inserida. (SIQUEIRA, 2008, p. 100)

Tendo entendido que língua e cultura estão intimamente relacionadas e que cultura é um tópico sempre presente nas salas de aula de língua estrangeira, mesmo que de maneira inconsciente, vale salientar que a dificuldade da tarefa não é avaliar se a cultura deve estar presente no cotidiano do ensino/ aprendizagem de língua inglesa, mas sim a de estruturar *como* tal elemento deve ser apresentado aos alunos. Mendes (2004) afirma que falar de cultura não é “empreendimento fácil”. A autora argumenta que há um grande número de definições e conceitos sobre cultura e o desafio, portanto, é escolher o que abordar com os alunos sem pecar nos estereótipos do cotidiano da sociedade. Ainda segundo a estudiosa,

(...) o que buscamos é poder chegar a uma ideia de cultura que, mais do que um conceito abrangente e totalizador, nos forneça ferramentas para compreender o ‘estar no mundo’ do homem e todos os aspectos que envolvem essa vivência, dentro de seu grupo específico ou fora dele. (MENDES, 2004, p. 33)

Definido que a cultura está, sim, presente em todas as aulas de língua inglesa, mesmo que inconscientemente, que é vinculada à língua em estudo e que é uma importante fonte de saber, faz-se necessário esclarecer o que se entende por cultura, no âmbito deste artigo. Dentre tantas definições para o termo, em várias áreas de conhecimento, além daquela citada anteriormente, é suficiente afirmar que cultura é a visão que um indivíduo tem de si próprio como participante de um grupo na sociedade, o papel e funções que ele desempenha, e tudo aquilo que tem significado para ele. É, principalmente, o agir em grupo de semelhantes, vivendo e transformando dinamicamente, os valores que lhes são intrínsecos. Em sua tese de doutorado, Mendes (2004), faz um breve apanhado sobre as definições existentes de cultura e elenca algumas concepções de cultura que guiou seu trabalho. Dentre estas concepções, a que mais se aproxima com o entendimento que se tem de cultura seria exatamente a que diz:

[termo que] engloba uma teia complexa de significados que são interpretados pelos elementos que fazem parte de uma mesma realidade social, os quais modificam e são modificados por ela; esse conjunto de significados inclui as tradições, os valores, as crenças, as atitudes e conceitos, assim como os objetos e toda a vida material (MENDES, 2004, p. 51)

Dessa maneira, tendo como premissa que cultura é tudo aquilo que é significativa para um aluno, a escolha da abordagem cultural em uma sala de aula de línguas também não pode ser diferente. Não faz sentido, o aluno ser exposto a temas e conteúdos que não são reais a ele, que não fazem parte de seu mundo. É fundamental, na prática pedagógica do professor, ter como foco como o aluno se vê no mundo e como o mundo se mostra para ele. É um olhar de dentro para fora, é uma construção de ideologias e não uma sobrecarga de informações prontas sobre seres estranhos ao indivíduo, num movimento de fora para dentro. Nesse sentido, para Mendes (2004, p. 53), “a primeira dimensão sobre a qual atua a cultura seria o modo pelo qual os homens veem o mundo, ‘enxergam’ a realidade que os circunda”.

Assim, percebe-se, atualmente, um movimento de pensar criticamente sobre os conteúdos apresentados em sala. Nota-se a preocupação dos professores sobre o lugar que a cultura adotará em sua aula. A questão não é se aspectos culturais devem ser trabalhados em aula, mas *como* eles devem ser estudados. Para Siqueira (2008, p. 102), “vê-se que a discussão sobre que lugar deve ocupar a cultura no ensino de ILI é um tema de grande relevância político-pedagógica, principalmente no complexo universo de países do ‘círculo em expansão’<sup>14</sup> onde floresce um mosaico de variantes de inglês”. O autor afirma que, desde o início, as práticas pedagógicas de ensino de inglês como LE se orientam por crenças dos países que têm a língua como oficial, servindo de padrão para todos os aspectos abordados em sala de aula. Para ele:

Essa pedagogia sempre encampou suas teorias de aquisição de segunda língua, seus métodos de ensino, modelos curriculares, livros didáticos e materiais complementares impregnados de conteúdos voltados para a cultura alvo, contando com a aquiescência de muitos profissionais, que, de alguma maneira, se furtaram em exercitar sua competência intercultural crítica. (SIQUEIRA, 2008, p. 102)

---

14 Aqui, o autor faz menção ao modelo de expansão do inglês no mundo, elaborado por Braj Kachru, em que ele categoriza os países quanto ao uso do inglês como língua nativa (*inner circle*), língua adicional (*outer circle*) e língua estrangeira (*expanding circle*).

Contudo, esta perspectiva de adoção e acomodação da cultura estrangeira em salas de aula de ILE, tem mudado. Siqueira conclui seu pensamento dizendo que “muitos docentes oriundos dos círculos ‘externo’ e ‘em expansão’ já adotam uma posição crítica em relação a esses aspectos e buscam exercer sua prática a partir de uma perspectiva (inter)cultural” (SIQUEIRA, 2008, p. 102).

Nesta mesma perspectiva, Nault (2006) fala sobre a posição ativa dos falantes de inglês do chamado ‘círculo de expansão’ e do ‘círculo externo’, quanto ao uso e apropriação da língua. Para ele,

“Os falantes de inglês nos Círculos Externo e em Expansão não estão meramente absorvendo e repetindo o Inglês falado em centros tradicionais de influência; eles estão ativamente reinterpretando, remodelando e redefinindo o Inglês, nas formas orais e escritas”<sup>15</sup> (NAULT, 2006, p. 316).

Então, o primeiro passo a ser dado em direção a uma pedagogia consciente da relevância cultural em sala de aula de inglês como LE, é a aceitação de que a maioria dos alunos utiliza a língua para se comunicar com outros falantes que também a dominam. Por isso, a comunicação acontece em um campo considerado, hoje em dia, como língua franca. Assim, uma abordagem cultural sem propósitos que atinjam as necessidades dos alunos e que esteja separada da língua, ou seja, um apêndice ou variedade e curiosidade da aula, não preparará o estudante para o mundo real. Dessa forma, os alunos devem estar preparados para a enorme diversidade linguística que os aguardam fora da sala de aula e, não há outro jeito, senão confrontando-os com o maior número possível de diferentes perspectivas e aglomerados culturais. É o que afirma Nault (2006, p. 320), “com o Inglês agora sendo usado globalmente através de diversas culturas, os educadores da língua inglesa não apenas precisarão estar mais conscientes culturalmente e linguisticamente, mas, também, serem capazes de elaborar currículos com um foco internacional e multicultural”<sup>16</sup>.

### 3. Material didático: um veículo de cultura?

---

15 “English speakers in the Outer and Expanding Circles are not merely absorbing and parroting the English spoken in traditional centres of influence; they are actively reinterpreting, reshaping and redefining English in oral and written form”.

16 “With English now being used globally across diverse cultures, English educators will not only need to be more culturally and linguistically aware but also able to design curriculums with an international and multicultural focus”.

Sendo o material didático a principal ferramenta do professor em sala de aula, é de fundamental relevância pensar sobre como ele é trazido para dentro da rotina dos alunos de inglês como língua estrangeira. Faz-se necessário, também, refletir qual modelo ou formato de material seria o ideal para um ensino de língua estrangeira efetivo, em que haja uma abordagem cultural plural e democrática. Dessa forma, espera-se que um material contemporâneo, para o ensino de línguas estrangeiras, consiga abordar uma grande variedade de possibilidades culturais e realidades distintas e, principalmente, realidades comuns àquela do aprendiz. Ou seja, espera-se que ele esteja próximo do cotidiano dos alunos que estão vivenciando e interagindo o momento específico da aprendizagem. Mais ainda, uma abordagem que destaque o aluno como sujeito único e, ao mesmo tempo, pertencente de um mundo diverso e dinâmico que lhe está sendo apresentado. Assim, a prática pedagógica se torna mais realista, transformando o aluno em sujeito ativo e consciente de seu conhecimento.

Contudo, na prática, o que se vê é que “não há disponibilidade no mercado de materiais culturalmente sensíveis aos sujeitos em interação, e a maior parte dos que são utilizados é inadequada a situações nas quais estão em jogo diferentes motivações e culturas de aprender dos alunos” (MENDES, 2012, p. 357). A autora ainda defende um material flexível, que seja adaptável a realidade vivenciada e construída no momento da interação entre os alunos e os alunos e professores, isto é, um material que possa ser modelado, ajustado e transformado de acordo com cada necessidade do momento específico. Portanto, é fundamental a presença de um professor, atuando como intermediador de conhecimento, sensível à importância de um enfoque cultural democrático, livre de padrões predeterminados e, mais ainda, tidos como privilegiados.

Está claro, então, que um material de línguas que tenha sido cuidadosamente planejado e pensado sobre as necessidades dos alunos que estão vivenciando a linguagem, aprendendo-a e apropriando-se dela, deve refletir a realidade da qual o estudante faz parte. Isto é, deve, portanto, ter significado especial ao indivíduo em questão. Espera-se que o aluno sintam-se confortável, seguro e desafiado ao manejar e utilizar os materiais didáticos propostos para ele. O material deve, então, ter um tom pessoal, mas, ao mesmo tempo, que possibilite ao aluno vivências além das suas. Entretanto, a harmonia está quando há um equilíbrio de realidades, ou seja, quando não se registra o favorecimento de uma determinada cultura em detrimento de outras. Assim,

o aluno pode perceber quão diferentes são os infinitos universos que compõem o mundo em que ele está inserido, mas que, embora diferentes, eles convivem em uma congruência pacífica e dinâmica. Dessa forma, os materiais preparam o aluno para enxergar-se no mundo, entendendo-se como sujeito histórico e ativo culturalmente e, principalmente, compreender o outro como seu diferente, porém, também sujeito participante de culturas outras.

Nesse sentido, propõe-se a adoção e/ ou elaboração de materiais flexíveis, que possibilitem ao professor adequá-los e modelá-los de acordo com as necessidades e realidades específicas de cada turma, considerando cada situação de aprendizagem como única. Por exemplo, não cabe em uma sala de aula de um bairro periférico, formada por crianças de classe média baixa, a abordagem de temas como “Férias”, onde todas as atividades propostas para o tema são distantes da realidade deles, como, por exemplo, viagens ao exterior, compras em *shopping centers*, etc. Exercendo sua sensibilidade cultural, o professor alcançaria um resultado muito mais significativo e real se discutisse com seus alunos quais atividades eles mais gostam de fazer durante as férias e, dessa forma, ele passaria a adotar essas atividades que realmente acontecem com os alunos em questão, como vocabulário alvo de aprendizagem. Assim, os alunos sentiriam mais prazer em estudar aquilo que é verdadeiro pra eles, teria, assim, outro valor este aprendizado. Do mesmo modo, o resultado de aprendizagem teria outro sentido se, em uma turma de crianças de classe média alta, o enfoque fosse mudado. Ao invés de trabalhar, seguindo o mesmo tema – Férias, com atividades que eles próprios podem fazer e/ou outras crianças de outros países com as mesmas condições financeiras que as deles também podem, seria interessante expandir as percepções de mundo destes alunos, ao voltar o olhar dessas crianças para realidades que também são próximas das delas que, por inúmeras razões, são esquecidas ou, até mesmo, omitidas no universo dos materiais didáticos. Portanto, explorar o cotidiano de outras crianças de comunidades com histórias diferentes das delas, mas que são tão próximas, que também fazem parte e complementam a conjectura em que vivem, tornaria um aprendizado mais politicamente significativo, seria o despertar pra outras questões através do uso da língua.

Assim, Mendes (2012, p. 366) propõe que:

o que devemos buscar é o material que possa se ajustar a variados contextos e necessidades de aprendizagem, visto que está centrado nos sujeitos em interação e não em programas ou padrões estabelecidos previamente, sem qualquer reflexo no que fazemos quando ensinamos e aprendemos línguas.

Visto que nenhum livro-texto está isento de apresentar aspectos culturais, políticos e sociais de forma aberta ou nas entrelinhas dos conteúdos abordados, cabe ao professor a tarefa de maximizar as mensagens contidas no material e torná-las possíveis para a realidade do grupo que está utilizando tal material. Segundo Oliveira (2007, p. 82), “não existe livro-texto neutro e o conteúdo por ele apresentado revela, em geral, uma forma de ver o mundo através das lentes culturais do autor. Além disto, os chamados livros-texto globais apresentam contextos culturais e tópicos que podem parecer irrelevantes para os alunos”.

Assim, espera-se que o professor tenha a sensibilidade de tornar um material, que foi pensado para diferentes públicos, adaptável e flexível e, portanto, significativo para o seu grupo em questão. A autora ainda argumenta que o professor deve estar preparado para refletir sobre o livro texto, independente do recorte cultural abordado no material, a fim de desenvolver uma competência comunicativa intercultural nos alunos.

Dessa forma, é indiscutível a importância do material didático como veículo transmissor de cultura. Porém, é preciso salientar que cultura está em todas as formas de conhecimento, e não está condicionada apenas ao material e o professor, mas sim, todas as vezes que se utiliza a língua estrangeira. Nesse sentido, Oliveira (2007, p. 115) diz que:

Apesar de o elemento cultural não ser ainda uma prioridade nos conteúdos dos livros, ele está presente sempre, de forma explícita ou não. Os textos escritos e falados no livro-texto contêm valores e crenças dos falantes de L2 e estão longe de ser neutros. Quanto mais autênticos forem os textos apresentados, maiores as chances de que contenham representações da cultura-alvo, apresentadas através da língua.

Portanto, ao adotar uma abordagem multi(inter)cultural em sua prática pedagógica, o professor deve atentar-se ao caráter flexível dos materiais selecionados para uso em aula. Nesse pormenor, Mendes (2012, p. 371) defende que “o material deve ser rico em ‘gatilhos’ que possibilitem o desenvolvimento de novas experiências de vivência na língua

em processo de ensino-aprendizagem”. Mas como ficam as coisas na prática? Uma pequena amostra de análise de material didático servirá para dar sustento às argumentações e reflexões apresentadas ao longo do artigo.

### 3.1. Analisando um material didático:

Diante de toda discussão anteriormente traçada sobre o *status* da língua inglesa atualmente e as implicações da propagação de seus aspectos culturais através do ensino de línguas, pretendeu-se analisar o material didático utilizado no 2º ano do Ensino Fundamental I. Adotou-se a lista proposta pela autora Adelaide Oliveira em seu artigo de 2010, onde ela discute questões também abordadas neste estudo, como o alcance da língua inglesa no mundo, discorrendo sobre o termo *World Englishes*, a importância de se desenvolver uma competência comunicativa intercultural, além da análise de livros-texto. Segundo a autora, o objetivo de sua comunicação foi “apresentar parte de uma *checklist* que poderá servir de guia para professores que precisam analisar material didático e querem incluir novos paradigmas na sala de aula de língua inglesa” (OLIVEIRA, [2010], p. 2)

Abaixo, segue a análise do material didático do sistema de ensino adotado pela escola, que está estruturado da seguinte forma: é disponibilizado aos alunos 4 (quatro) livros-texto ao longo do ano, com uma média de 110 páginas cada, divididos por bimestres, totalizando 8 (oito) unidades. Além disso, a coleção conta com um suporte tecnológico compreendido de um site do próprio sistema de ensino com todos os áudios que constam no material do aluno e mais atividades interativas que tem o objetivo de praticar o conteúdo abordado. O material oferecido ao professor é todo digital. Além de todos os livros do aluno junto com uma sugestão de plano de aula, há também os chamados “*ibooks*”, que são recursos extras e interativos, também digitais, que possibilitam complementar e ampliar os conteúdos abordados. Além disso, há um aparato visual, como *flashcards* e pôsteres, também digitais, a disposição do professor. É importante salientar que este é um material produzido por um sistema de ensino internacional, que tem sua sede no México, e, portanto, é distribuído internacionalmente.

#### I. Aspectos interculturais:

- I.1. As atividades do livro refletem as características culturais de vários grupos sociais? Quais?

*Não. Apesar de haver diferentes raças e grupos de pessoas contemplados no livro como negros, brancos, mestiços, hispânicos, orientais, etc., nada se fala sobre as características desses grupos, apenas refletindo as características de uma classe média cristã.*

- I.2. As perspectivas políticas, religiosas e ideológicas de outros grupos sociais são levadas em consideração? Quais?

*Não há nenhum registro deste tópico.*

- I.3. As atividades do livro apresentam estereótipos culturais/ raciais/ de gênero? Quais? (caso a resposta seja SIM, e haja uma quantidade muito grande de estereótipos vale a pena ponderar a adoção do material)

*Não. A coleção apresenta diversidade racial, principalmente, sem estereotipar nenhuma raça ou cultura.*

- I.4. Existem atividades que fazem menção à cultura do aluno? De que forma?

*Não há menção sobre o Brasil, em nenhum aspecto. Contudo, na história “Our Fashion Season Show”, unidade 5, é abordado o clima e vestuário de alguns países como Turquia, Londres e Espanha.*

Figura 1 – “Our Fashion Season Show”



- I.5. As atividades levam o aluno a refletir sobre semelhanças e diferenças entre as culturas de forma não avaliativa? De que forma?

*Não, apenas com a intermediação do professor.*

- I.6. As atividades ajudam o aluno a desenvolver tolerância e empatia em relação ao outro? De que forma?

*Sim. O livro sempre enfatiza a importância de olhar para o outro com respeito e igualdade. Na unidade 2, “All about me and my friends”, um dos diálogos é sobre duas crianças se comparando e se contrastando fisicamente, ao mesmo tempo. Assim como também acontece na história principal desta mesma unidade.*

Figura 2 - Diálogo



Fonte UNO Internacional (2014)

- I.7. Existem atividades que permitem ao aluno fazer observações etnográficas? De que forma?

*Sim, mas sempre com intervenção do professor. Na unidade 6, “Having Fun”, por exemplo, o tema é estações do ano e atividades propícias para cada estação. O referencial é sempre países do Hemisfério Norte, sem nenhuma menção as peculiaridades climáticas do Brasil ou outros países do Hemisfério Sul. Os alunos são sensíveis a esta abordagem ao dizerem que “no inverno daqui não neva”, “podemos nadar no inverno, aqui no Brasil”, etc.*

Figura 3 – Observações etnográficas



Fonte: UNO Internacional (2014)

## II. Variedades de Língua Inglesa

- II.1. No componente de áudio/ vídeo, falantes de países onde a língua inglesa não é a língua materna estão representados? Quantos?

*Não. Todo o material de áudio e vídeo utilizado nos livros é inglês americano em sua totalidade, mesmo quando personagens das histórias pareçam ter origem diferente.*

II.2. É possível identificar os falantes pelo sotaque? Como?

*O único sotaque é o americano, raramente britânico, mesmo quando os personagens são hispânicos, por exemplo.*

II.3. Existem textos que discutem o uso da língua inglesa no mundo? Quantos?

*Não, nem no livro do professor há sugestões para este tópico.*

II.4. As atividades de pronúncia permitem ao aluno utilizar sua variedade de inglês? Como?

*Não. As únicas atividades de pronúncia são do tipo “Ouvir e repetir”<sup>17</sup>.*

II.5. Existe um modelo de falante nativo subliminar? (e.g existe uma seção para prática de pronúncia exibindo um modelo de falante americano/ inglês?)

*Sim. O falante americano, na grande maioria das vezes e, às vezes, o falante britânico são os que servem de modelos a serem seguidos.*

II.6. As atividades de pronúncia e audição encorajam o aluno a valorizar a sua maneira de falar a língua de forma inteligível? Como?

*Não, os alunos tem um modelo fixo a seguir.*

A partir da análise dos dados acima, percebe-se que a diversidade cultural proposta pelo material didático analisado não existe ou é muito insuficiente diante da demanda contemporânea de conhecimento. Percebe-se, também, que é primordial o professor atentar para esta deficiência e, dessa forma, suplementar suas aulas com elaboração e pesquisa de materiais extras que dêem conta de uma proposta mais culturalmente diversificada. Desta maneira, o aluno estará exposto à verdadeira realidade

---

17 “Listen and repeat”.

do mundo existente fora das barreiras de concreto, que é a sua sala de aula é preparado para agir como indivíduo atuante de uma sociedade plural, onde convivem diferentes grupos sociais, interagindo entre si.

Nesta realidade, para que haja uma efetiva abordagem intercultural, nas aulas de inglês, é necessário que o professor adote uma atitude sistemática com relação ao lugar que a cultura obterá em sua sala de aula, manipulando, assim, os materiais didáticos que tem a sua disposição de maneira a adaptá-los a uma abordagem multi(inter)cultural, proposta neste estudo. Assim, “o tratamento dado à cultura em sala de aula precisa passar da mera transmissão de informações sobre outras culturas para uma abordagem que permita ao aluno refletir sobre ele próprio e a sua própria cultura” (OLIVEIRA, [2010], p. 3).

#### **4. Considerações finais:**

As reflexões tratadas neste estudo foram apenas um despertar para as questões que dialogam com o lugar da cultura na sala de aula de inglês como língua estrangeira e não se teve a pretensão de esgotar toda a problemática relacionada a este tema neste breve trabalho.

Destaca-se a conscientização do professor, como intermediador e personagem fundamental na condução do conhecimento, a respeito de suas práticas pedagógicas que servirão de norte para a efetivação do aprendizado. Deve-se a ele a construção e elaboração do roteiro e metas de ensino-aprendizagem direcionado aos seus alunos. Portanto, espera-se a reflexão, por parte do professor, sobre os seus ideais de aprendizagem de línguas estrangeiras, quais são suas concepções de língua e cultura e como as duas se relacionam e, ainda, qual o destaque dado ao material didático adotado para sua prática pedagógica. Essas questões são primordiais e ponto de partida para a determinação e configuração do ambiente de aprendizado que será construído. Assim, é através das crenças do professor que será traçado o perfil do curso que ele conduzirá.

Porém, sabe-se que estão envolvidas muitas questões além da autonomia e escolhas do professor. O próprio prestígio alcançado pela língua inglesa, intitulada, hoje, como língua franca global e todas as consequências advindas deste *status*, é, sem dúvidas, o primeiro fator determinante na prática pedagógica de qualquer professor de

inglês. Isto é porque a aceitação ou negação deste mérito adquirido por esta língua refletirá nas experiências vividas em sala de aula. Por exemplo, um professor que negue a língua inglesa como sendo uma língua franca global, continuará optando por duas versões consideradas padrões de ensino: o inglês americano ou o inglês britânico. Ao passo que, o professor que entende a língua inglesa como uma língua mundial, pertencente a todos os seus falantes, ou seja, uma língua franca global, terá como preocupação expor seus alunos às mais variadas possibilidades linguísticas do inglês, tornando sua prática muito mais rica, plural e real.

Do mesmo modo, ao refletir a relação entre língua e cultura há de se pensar que uma é reflexo da outra, e, por isso, impossível de se dissociar em sala de aula. Ao se tratar de língua, trata-se, automaticamente, de cultura, mesmo que inconscientemente. Para Mendes (2012, p. 375), “a cultura é a língua e, vice-versa, e não apenas uma parte dela. Por isso mesmo, tudo o que fazemos quando interagimos com o mundo através da linguagem é um modo de produzir cultura”. O que se deve ter em mente, como discutido, não é se é apropriado abordar cultura em sala de aula, mas, *como* discuti-la democraticamente, por assim dizer. Utilizando-se da cultura como principal meio de valorização do outro e conscientização do papel de cada indivíduo como sujeito participante de um mundo interligado socialmente. Propõe-se, então, enxergarmos a cultura como ferramenta potencializadora da formação de identidades plurais, ao invés de apenas um anexo dos conteúdos primordiais de uma aula de inglês como língua estrangeira.

Por fim, refletiu-se sobre a importância de um material didático que seja sensível a todas estas questões abordadas acima. Percebeu-se que os livros-texto analisados não contemplam a diversidade cultural de língua inglesa e global tão visíveis na atualidade. Portanto, fica a cargo do professor assumir uma postura multi(inter)cultural que enriqueça sua prática pedagógica e que, dessa forma, possa contribuir na formação de seus alunos sujeitos conscientes de seus papéis perante a sociedade em que vivem e atuam dinamicamente.

## REFERÊNCIAS

AKBARI, Ramin. **Transforming lives: introducing critical pedagogy into ELT classrooms.** *ELT Journal*, v. 62, n. 3, p. 276-283, jul. 2008.

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de; COX, Maria Inês Pagliarini. Standard English & World English: entre o siso e o riso. *Calidoscópico*, v. 11, n. 2, p. 153- 166, mai/ago 2013.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília, DF, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 03 out. 2015

CANDAU, Vera Maria. ANHORN, Carmen Teresa Gabriel. **A questão didática e a perspectiva multicultural: uma articulação necessária.** Rio de Janeiro: PUC, [2000]. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/0413t.PDF>>. Acesso em: 03 out. 2015

CRYSTAL, David. **English as a global language.** 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MENDES, Edleise. **Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas.** 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 2004.

MENDES, Edleise. Aprender a ser e a viver com o outro: materiais didáticos interculturais para o ensino de português LE/L2. In: Scheyerl, D.; SIQUEIRA, S. (Orgs) **Materiais Didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e preposições.** Salvador: EDUFBA, 2012.

OLIVEIRA, Adelaide P de. **World Englishes, competência comunicativa intercultural e mudanças de paradigmas: uma proposta para uma nova checklist de análise de livro-texto para o ensino de língua inglesa.** [2011].

PENNYCOOK, Alastair. Critical pedagogy and second language education. *System*, Great Britain, v. 18, n. 3, p. 303-314, 1990.



RAJAGOPALAN, Kanavillil. The English language, globalization and Latin America: possible lessons from the 'Outer Circle'. In: M. SAXENA; T. OMONIYI (eds) **Contending with Globalization in World Englishes**. 2010. Clevedon, Multilingual Matters, p. 175-195

SEIDLHOFER, Barbara. Key concepts: English as a língua franca. **ELT Journal**, Viena, 4 out. 2005, p. 339- 341.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. **Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica**. 2008. 360 f. Tese (Doutorado). Curso de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.